

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A PROMOÇÃO DA SAÚDE SOB O PONTO DE VISTA DAS MULHERES
NA VÁRZEA DA ILHA DO BAIXIO

BOLSISTA: REBECA BARROSO MAGALHÃES- CNPQ

MANAUS

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-0055-2012

A PROMOÇÃO DA SAÚDE SOB O PONTO DE VISTA DAS MULHERES
NA VÁRZEA DA ILHA DO BAIXIO

BOLSISTA: REBECA BARROSO MAGALHÃES- CNPQ

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender e analisar as políticas de saúde relacionadas à percepção das mulheres moradoras da Ilha do Baixo, localizada em área de várzea no Baixo Solimões, Município de Iranduba, Amazonas.

Dessa forma esta pesquisa pretendeu descrever etnograficamente os serviços de saúde disponíveis na comunidade, compreender e analisar a acessibilidade aos serviços de saúde e sua relação às condições ambientais. Propusemo-nos a analisar assim como tentar compreender as percepções das mulheres da Ilha sobre o modo de acessibilidade aos serviços de saúde. Focando especificamente na descrição e análise das mudanças causadas pela transformação da Ilha do Baixo em um projeto de Assentamento Agroextrativista de várzea através da percepção das mulheres que lá vivem; e na descrição das principais atividades desenvolvidas pelas mesmas da Ilha do Baixo.

Palavra Chave: mulheres da floresta, promoção da saúde, assentamento rural.

SUMÁRIO

LISTAS DE SIGLAS	5
LISTA DE FIGURAS.....	6
1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Mulheres da várzea, promoção da saúde e meio ambiente.	12
2.2. O Projeto de Assentamento Extrativista - PAE Ilha do Baixio	14
2.3. Projeto Mulheres da Floresta: Memória, território e políticas, políticas públicas nas Várzeas do Amazonas.	16
2.4. Festejos da comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio.....	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

LISTAS DE SIGLAS

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST- Movimento Social dos Trabalhadores

PAE- Projeto de Assentamento Agroextrativista

PIATAM- Inteligência Socioambiental Estratégica da Indústria do Petróleo na Amazônia

UFAM- Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casas construídas pelo INCRA, Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixo.

Figuras 2 e 3: Oficina do Meio Ambiente, Comunidade de Santa Luzia do Baixo.

Figuras 4 e 5: Festas das Hortaliças, Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixo.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender e analisar as políticas de saúde relacionadas à promoção de saúde sob o ponto de vista das mulheres na várzea da Ilha do Baixio, no Município de Iranduba, Amazonas. Esta pesquisa foi realizada como parte do Projeto maior “Mulheres da Floresta: memória social, trajetória e políticas públicas nas várzeas do Amazonas”, financiado pelo CNPq, e coordenado pela Prof. Dr^a Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt, que se encerrou no de 2012.

A temática da pesquisa teve como objetivo apresentar as perspectivas analíticas em relação à promoção saúde das mulheres da Ilha do Baixio. A comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio é hoje constituída por famílias habitando na área de várzea no município de Iranduba.

A comunidade se situa próximo à sede do município, facilitando o acesso dos seus moradores a Manaus (Schweickardt, 2010). Os acessos ao sistema de saúde estão relacionados com as condições de vida e saúde das famílias dessa comunidade.

Seu João Lula e José Alves são os primeiros moradores da comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio, que relatam durante a pesquisa que a comunidade se iniciou por volta de 1947, estes chegaram à Ilha do Baixio com suas respectivas famílias provenientes da localidade de Pacatuba no município de Careiro Castanho no Amazonas.

Passaram-se três anos e a comunidade foi conquistando seus primeiros adventos à educação como os primeiros professores da comunidade por volta de 1950, formada por crianças e adolescentes. Apesar de não ter um local próprio como a escola às aulas era ministrada pela comunitária a Sr. Nezinha que ensinava a criança numa casa flutuantes chamada escola São Gabriel.

Com o passar do tempo formaram-se as famílias da comunidade sendo a grande parte católicos e devotos, dessa forma, formou-se a Igreja de Santa Luzia, onde irmãos

que iniciaram as atividades religiosas na comunidade realizavam as novenas em honra a Santa Luzia

A comunidade com o passar dos anos foi enfrentando grandes desafios em viver na várzea, uma das preocupações eram de ter uma estrutura de saúde na comunidade e poço artesiano.

A Ilha do Baixio era de propriedade de um senhor chamado Dr. Garcia que arrendava e vendia os lotes de terra para cada um. Na época a principal atividade era juta, malva e mandioca, e casca de jacaré para a comercialização do couro, que ajudava na renda dessas famílias. Por volta de 1950 teve início a primeira turma de alunos na Ilha do Baixio essa turma era de crianças e adolescentes, onde funcionavam numa casa de flutuante.

Hoje a comunidade está obtendo algumas melhorias na saúde e educação, antigamente a comunidade não tinha o ensino médio as crianças faziam até 4ª série, hoje tem oportunidade de concluírem o ensino regular na comunidade, juntamente com os professores da própria comunidade. Na saúde também as agentes de saúde realizam o trabalho da prevenção dessas famílias de casa em casa. Na região amazônica, principalmente nas áreas de várzea, as águas ocupam um papel importante, pois nos processos de organização social e cultural, considera-se o ciclo anual das águas. As épocas de cheia/seca, enchente/vazante compõem um ciclo anual bem marcado por mudanças nas condições de transporte, no acesso à água, nos alimentos disponíveis, nas produções extrativas, chamadas em muitas regiões da Amazônia de fábricas (Lima, 2005). E como tal tem relação direta com as condições de saúde população residente nessas áreas.

A saúde pública da Amazônia esteve em diferentes momentos no centro das preocupações dos tomadores de decisão na região. Foi objeto de expedições científicas que tiveram o objetivo de propor o saneamento do vale amazônico. Destacam-se as viagens de Oswaldo Cruz, em 1905, pelo litoral brasileiro até Manaus para avaliar as condições dos portos; em seguida Oswaldo Cruz e Belizário Penna realizaram a viagem para avaliação das condições sanitárias do rio Madeira, especialmente no canteiro de obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em 1910.

A expedição de Carlos Chagas e Pacheco Leão, entre 1912-1913, a diferentes rios do Estado do Amazonas teve como objetivo um plano de saneamento para melhorar

as condições sanitárias dos seringueiros, pois a economia da borracha estava em declínio. Essas expedições deixaram uma interpretação importante sobre a região amazônica, mostrando as péssimas condições sanitárias de vilas, seringais e cidades do vale do Amazonas (SCHWEICKARDT & LIMA, 2007).

Para esta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa, através de pesquisa documental, observação participante e entrevistas com mulheres da comunidade. Através da observação de campo, memória social e etnografia, as categorias analíticas utilizadas são a promoção da saúde e políticas públicas de saúde.

Destacamos neste trabalho a experiência etnográfica visto que a etnografia tem como principal preocupação o significado das ações e os eventos dos atores ou grupos pesquisados relacionado na maioria das vezes a sua cultura, que será utilizada na descrição de situações de conflitos em torno do uso e o acesso aos recursos naturais, e também sobre os conflitos dos direitos sobre o patrimônio e os territórios que ocorrem na Ilha do Baixio (SCHWEICKARDT, 2010 b).

A prática etnográfica já é em si uma pesquisa interpretativa, que implica a convivência e a partilha de experiências por um período de tempo com um grupo particular de pessoas, ou seja, com as mulheres da Ilha do Baixio que vem se reorganizando, destacando em nossas observações participantes o modo como elas se estruturam dentro da comunidade em relação à saúde.

Para Alencar (2007), as mudanças nas formas de paisagem e do espaço físico, se inter-relacionam aos processos de reconstrução da identidade. Neste contato direto com as pessoas, além das observações realizamos entrevistas com as mulheres moradoras da comunidade. É a partir das narrativas do discurso que vai ser garantido a memória.

Os elementos fixados pela memória da comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio remete o elemento de identidade, pois seu espaço físico é determinado pelos lugares e paisagem (GODOI, 1999).

A memória social, baseada em Halbwachs(2006), define a memória com uma maneira de construção coletiva sobre o passado feita a partir das condições sociais que o grupo vivencia no presente, ressaltando que é preciso existir pontos de contatos entre

os relatos da memória, para que as lembranças possam ser reconstruídas uma base comum.

Neste contato direto com as pessoas, além das observações participativas, realizamos entrevistas com as mulheres. As entrevistas abordaram questões sobre seu cotidiano de vida, procurando identificar sua narrativa.

O etnógrafo, segundo Geertz (1989) observa, registra e analisa. Dentro dessa perspectiva que o etnógrafo enfrenta de fato é uma multiplicidade de estruturas conceituais e complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas. A partir da observação participante e realização de entrevistas, buscava uma melhor compreensão da realidade envolvida. Procuramos descrever em contato direto com a comunidade, observando e aprendendo seu cotidiano, principalmente as mulheres do Grupo Unidas do Baixo que participaram direta e indiretamente das nossas oficinas.

Num passado recente, no Estado do Amazonas, médicos e cientistas estavam envolvidos diretamente com a questão sanitária. Na passagem do século XIX para o século XX, no auge da economia da borracha, houve diferentes comissões que tinham objetivos de sanear a cidade de Manaus. A preocupação estava voltada principalmente para as doenças transmissíveis como a malária e febre amarela. Assim, foram realizadas campanhas direcionadas para essas duas endemias. Na década de 1920, o Estado fez um acordo com o Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural para instalar uma rede de postos rurais e itinerantes em todo Estado. Pela primeira vez, o interior será contemplado com uma estrutura de serviços (SCHWEICKARDT, 2009).

Nesse trabalho nos propusemos a analisar, a partir das mulheres da Ilha do Baixo no contexto da várzea, três aspectos: as ações e iniciativas que visam a promoção da saúde, tentar compreender suas percepções sobre o modo de acessibilidade aos serviços de saúde, além da relação entre as questões sanitárias e ambientais.

A promoção da saúde passou a incorporar valores da saúde em detrimento da valorização da doença, entendendo os processos sociais e ambientais envolvidos. Por isso, a promoção da saúde em contextos socioculturais e ambientais na Amazônia necessita ser explorada, principalmente sob o ponto de vista das mulheres, tradicionalmente envolvidas com os cuidados com a casa e os filhos.

Hoje, as mulheres conquistaram espaço na esfera pública, e vem conquistando direito e valores na sociedade. No debate das políticas públicas, e o seu direito a fala e a sua interpretação sobre os processos saúde-doença são relevantes para a discussão das políticas públicas atuais.

Muitos trabalhos relacionados às questões de gênero entre grupos sociais ligados ao campo no Brasil estiveram voltados para a esfera do trabalho, visando considerar as inúmeras atividades desenvolvidas pela mulher no lar e nas pequenas propriedades agrícolas. Segundo Shwendler (2009). A luta pela terra no Brasil foi marcada pelas contradições de classe, e tem trazido para cena história de sujeitos excluídos de diversos direitos.

Na luta desses sujeitos excluídos surgem os movimentos sociais marcados pela questão agrária no Brasil, destacam-se os Movimentos dos Trabalhadores, que surge em 1984.

Esse movimento surge de um processo de percepção gerada historicamente pela construção de uma identidade coletiva e consciência de direito. Que questionam a base de produção capitalista tem como perspectiva a transformação da sociedade.

A luta pela terra desde sua origem trouxe perspectiva de uma necessidade de recriação das identidades de gênero e do papel da mulher na luta social e no movimento práticas organizativas que recriam relações de gênero.

As categorias analíticas e percepções do mundo social feminino sobre a várzea amazônica e sobre as políticas públicas em relação à saúde e o meio ambiente são relevantes na compreensão desse universo social e ambiental.

É importante destacar que as lembranças do passado e os relatos da memória, fazem parte da pesquisa etnográfica, descrevendo os principais relatos do começo da Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio, principalmente as mulheres da Ilha do Baixio, mas outros moradores também foram!

Para coletar as informações sobre a percepção das mulheres sobre a promoção da saúde e ambiente foram realizadas entrevistas com as mulheres da comunidade. Utilizamos o gravador digital para o registro das entrevistas e, foram sendo analisadas a partir de categorias de significância. As entrevistas foram realizadas na própria comunidade com o devido tempo e autorização prévia das mulheres.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mulheres da várzea, promoção da saúde e meio ambiente.

Segundo Carvalho (2005), o movimento sanitário sendo orientado pelo conceito de saúde coletiva trouxe para a sociedade novos modelos, como inclusão no social da saúde pública, para que a população tivesse acesso a saúde. Nos anos de 1940, o movimento articulou-se com a Reforma Sanitária Brasileira, para que incorporasse novos deslocamentos de saúde coletiva para a sociedade brasileira.

A partir das ideias de Westphal (2006) a reforma sanitária brasileira trouxe mudanças na sociedade brasileira que passaram a garantir atenção às necessidades das pessoas, em áreas que não chegam o acesso a saúde, principalmente os ribeirinhos, que estão aos poucos conquistando esse direito.

Segundo as entrevistas que realizei com as mulheres, elas relataram que na Ilha do Baixio, nem sempre tinham acesso à saúde, logo não tinha como se deslocar para Manaus, na época da cheia certamente havia uma maior precariedade no serviço de atendimento a comunidade para eles, as mulheres relatam que ficavam em suas casas com as lamparinas acesas, em sua pequena casa quando eles ficavam doentes eles usavam de suas plantas medicinais e sua fé para curá-los.

A Reforma Sanitária trouxe mudança para o país, pois à saúde não se reduzia só a doença, mas há ausência de necessidades básicas dos seres humanos, e um ambiente que favorecesse seu crescimento e desenvolvimento.



Figura1: Casas construídas pelo INCRA, Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio.
Foto: Cleonice Oliveira de Andrade, Agosto de 2011.

Na Comunidade do Baixio, os agentes de saúde costumam visitar as famílias três vezes por semana, sendo que cada uma dessas passam pelo médico regularmente. A maioria das famílias costuma ir de barco até Iranduba ou Manaus quando uma pessoa está muito doente.

Na comunidade, o atendimento médico é feito por duas agentes de saúde que fazem a prevenção das famílias formadas, elas vão de casa em casa controlar a saúde daqueles que ali residem, onde levam medicamentos em suas casas, orientam para que eles possam deixar o médico atender durante as visitas do médico do Iranduba até a comunidade que é realizada uma vez por mês, em equipe com o médico às enfermeiras e técnicas de enfermagem.

Hoje na Ilha do Baixio as condições de saúde está cada vez sendo parte da vida deles, segundo as entrevistas que realizei e outros conversando informalmente, a situação antes eram precárias, pois eles não utilizavam remédio. Eles usavam ervas medicinais, ou se tratavam através de sua fé. Atualmente os médicos do Iranduba vão até a Ilha do Baixio fazer os atendimentos uma vez por mês, nestas visitas são atendidos de crianças a adultos.

Uma preocupação das mulheres do Baixio no passado era de fazer exame anualmente do preventivo, segundo elas, havia dificuldades pois antes a comunidade não tinha como realizar esse atendimento, as mulheres se deslocavam da Ilha até o Iranduba, e quando chegavam no Hospital não tinham atendimento.

Hoje segundo Sr.^a Maria dos Santos Cruz a comunidade tem o centro social para realizar todos os atendimentos para a comunidade. Beneficiando todos os moradores da comunidade e principalmente as mulheres que não precisarão se deslocar para o Iranduba e realizarem o atendimento na própria comunidade.

As doenças que mais afetam a população da comunidade são marcadas pelo ciclo anual das águas, e os agentes de saúde, que são mulheres, precisam se deslocar de rabeta, muitas das vezes sozinhas para atender essas famílias. Quando o rio sobe é um grande desafio para elas, e para os moradores. Na medida em que ocorre as mudanças nos níveis do rio, as mudanças são ocorridas na Ilha. No período da seca, os moradores sofrem com as principais mudanças climáticas como a gripe, febre e dor de cabeça. Para as agentes de saúde essas atividades de prevenção de doenças foi algo que permitiu

uma qualidade de vida social ambiental, para elas buscando novas formas da prevenção de saúde.

Segundo Sra. Maria para ela é um privilégio trabalhar como agente na comunidade, ao entrevistá-la ela relata que já teve muitas oportunidades de morar em Manaus, de fazer curso para ser enfermeira, mas não fez o curso porque ele tem vontade de trabalhar na rural e não urbana. Na fala da entrevistada, percebe-se seu interesse em continuar morando na Ilha do Baixo:

Porque eu vivo e nasci aqui e nunca sai daqui até porque eu não quis fazer nem um curso de técnico de enfermagem que era pra me ter feito eu não fiz porque se eu fizesse eu não ia trabalhar aqui por que eu trabalho pelo Estado e quem fez curso técnico de enfermagem eles é notado no Hospital do Iranduba eles chamaram todo mundo e só ficou eu porque sou agente de saúde rural então aí eu fiquei porque eu sou rural por isso que eu não fiz e outro curso né deveria ter feito pra subir pra minha profissão mas eu quis pra continuar vivendo eu fiz o curso de agente de saúde pra me viver e ajudar as pessoas na zona rural, no lugar que eu vivo, aí foi pra isso que eu fiz dentro do meu conhecimento aquilo que posso fazer e ajudar eles foi pra isso por que eu não fiz com intenção de ir de fazer um curso técnico depois ia ter fazer uma faculdade só porque ia tinha que sair daqui eu não podia morar aqui, aí eu nunca quis sair daqui da Ilha (Entrevista com Sra. Maria dos Santos Cruz, Agente de Saúde, Fevereiro de 2012).

Hoje na Ilha do Baixo, as condições sanitárias de saúde estão mais presentes na vida de seus moradores , segundo as entrevistas realizadas e algumas conversas informais, foi possível compreender que a situação antes era precária, pois eles não utilizavam remédio. Eles utilizavam sua ervas medicinais, ou então buscavam a cura através da fé. Para as agentes de saúde essas atividades de prevenção de doenças foi algo que permitiu uma qualidade de vida social ambiental, para elas buscando novas formas da prevenção de saúde.

2.2. O Projeto de Assentamento Extrativista - PAE Ilha do Baixo

A reforma agrária empreendida pelo INCRA do Amazonas nos últimos anos provocou um deslocamento na política pública de caráter nacional, conferindo-lhe uma feição mais regional. Esse deslocamento, mesmo sendo fruto de iniciativa dos gestores públicos, só aconteceu em função da emergência dos seringueiros, extrativistas e

ribeirinhos da Amazônia nas suas lutas por direitos como acesso as terras, e de estarem a frente de propósitos implantados pela reforma agrária (SCHWEICKARDT,2010)

Destaca-se a importância da mulher na agricultura a partir de suas ações, com participações no Movimento Social dos Trabalhadores – MST - que trouxe um aparato significativo diante de lutas pela terra, e seu advento no trabalho produtivo, diante a sociedade. Embora, com um processo de organização construído sob outros parâmetros que não os das lutas tradicionais pela terra, as mulheres da Ilha do Baixo trabalham, principalmente, na agricultura plantando para comercialização produtos como cebolinha, feijão de corda, melancia, couve, jerimum, pepino, quiabo, entre outros. As mulheres da Comunidade desenvolvem várias outras atividades, tais como: serviços de casa, preparação de refeições e cuidado com os filhos. Várias das mulheres com as quais temos interagido trabalham também na Escola da comunidade.

É importante destacar que as mulheres que por mim foram entrevistadas e outras com quem tenho conversado informalmente durante as visitas de campo, relatam a importância do INCRA na Ilha do Baixo em relação as casas que fizeram aos assentados descrevendo elas como belas casas que eles nos deram, pois tinham pessoas que não tinham casas e ganharam do INCRA. Dada a importância da luta dos ribeirinhos da Amazônia, buscando assim esforços no processo social e organizativo da comunidade, a Ilha do Baixo foi transformada em um Projeto de Assentamento Agroextrativista.

Segundo algumas entrevistas realizadas durante a pesquisa, as mulheres não souberam informar quando o Projeto chegou a Ilha. Para elas, o Projeto trouxe muitos benefícios como melhoria das casas, já que o principal benefício do PAE é a aplicação do Crédito Habitação da reforma agrária, que vem implantando e reformando as casas.

Também ouvimos outras mulheres que relataram não estarem tão satisfeitas com o projeto por discordâncias em relação à construção dos banheiros. Pois para elas o banheiro tinha que ser construídos da forma que fosse para as pessoas que moram na várzea não como da cidade. Segundo as entrevistadas o modelo de casas em que moradores fizeram o INCRA não aceitou, mas da mesma forma o INCRA fizeram as casa.

Segundo a comunitária Sr.^a Daniela “esse modelo que eles fizeram é que como fosse comunidade urbana, mas nós somos de várzea”. Dessa forma, as casas dos moradores da Ilha do Baixo e as que são construídas pelo INCRA, trouxeram para uns bons resultados como novos modelos de casa.

Aqueles que não tinham casa, hoje, tem a sua casa própria. Pelos relatos, pude compreender que os moradores percebem este benefício do governo federal de modos diferentes conforme suas expectativas. Algumas mulheres relataram não ter recebido uma casa por serem funcionárias públicas, o que elas consideram uma injustiça por serem moradoras antigas da comunidade.

Nesse aspecto, deparou-se com um problema que vai além da questão de puros modos de intervenção, embora vários moradores entrevistados e conversando como os eles há sempre uns contra e outros a favor do projeto de assentamento desconheçam o que significa e quais são os objetivo além das casas, os benefícios do assentamento. Porque para os moradores eles esperam do INCRA cada vez mais melhorias para eles.

Apesar da criação do assentamento ter propiciado aos moradores da Ilha o acesso a alguns direitos e políticas importantes, ainda há um déficit de várias outras políticas como a ausência de um posto de saúde.

Desde primeira visita de campo pude perceber no relato das mulheres da ilha, principalmente as mais idosas, que antigamente a principal atividade econômica era plantação de juta, mandioca, feijão de praia e caça de jacaré para a comercialização do couro que ajudava na renda das famílias. Com o Projeto Mulheres da Floresta, durante as pesquisas foram trazidos benefícios para a comunidade, para que as mulheres pudessem aprender e também ter seu próprio ganho na sua comunidade e nos festejos religiosos, que assim é realizado todos os anos. Pois todo em qualquer evento da comunidade elas procuram se organizar para realização dos eventos.

2.3. Projeto Mulheres da Floresta: Memória, território e políticas, políticas públicas nas Várzeas do Amazonas.

O projeto “Mulheres da Floresta: memória, território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas” é um projeto de pesquisa que teve como objetivo analisar o impacto social, político e econômico da criação do Projeto de Assentamento Agroextrativista – PAE - da Ilha do Baixio e das demais políticas públicas dele decorrentes no modo de vida e nos processos de territorialização a partir da percepção das mulheres. Além disso, consiste em um projeto de extensão onde diversas oficinas foram desenvolvidas junto ao Grupo de Mulheres Unidas da Ilha do Baixio.

Em 2006 o Grupo de Mulheres da Ilha do Baixio inicialmente não tinha recursos disponíveis para trabalharem para o seu sustento com o isso, o grupo se esfriou, havia uma senhora por nome Graça Feitoza que é de Manaus e trazia materias de artesanatos, mas segundo as mulheres só poderiam ser do jeito da Sr. Graça e não da forma em que as mulheres opinavam. No ano seguinte 2007 as mulheres se reuniram aos sábados para discutirem questões sobre os artesanatos e para produzirem para elas e para seu beneficio próprio.

No mesmo ano adquiriram equipamentos como máquina costura, por meio do projeto PIATAM, mas devido o recurso do governo não disponibilizarem ainda o deslocamento essas máquinas ainda não chegaram a Ilha. A Festa ocorreu nesse mesmo ano a 1ª Festa das Hortaliças que segundo as mulheres não foi muito bom porque as mulheres não venderam muito seus produtos.

Em 2008 as mulheres se reuniam aos sábados e faziam tapetes a mão, crochê e guardanapo. No ano seguinte em 2009 houve uma grande cheia no Amazonas onde as mulheres do grupo perderam todos os materiais. Com isso Graça Feitoza ficou chateada porque jogaram também as coisas dela do artesanato, mas as mulheres disseram que já estavam tudo estragados devido a cheia e elas jogaram. Mas as mulheres disseram as ideias não eram nossas aí desanimamos logo o grupo deu uma parada.

Em 2010 o grupo estava devagar, mas continuava trabalhando, as mulheres não tinham onde se reunir, o clubinho é construído para o grupo tem uma sala, mas não se reúnem no clube, pois não tem banheiro e cozinha.

Com a chegada do Projeto Mulheres da Floresta: memória, território, e políticas públicas nas várzeas do Amazonas, coordenada pela professora Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt em 2011, novos caminhos foram apresentados, discutidos e seguidos pelas mulheres da Ilha.

Aos poucos o grupo de pesquisa foi interagindo com as mulheres através das oficinas e por meio das palestras, fomos construídos vínculos de amizade. Hoje, segundo as próprias, depois que o Projeto da Professora Kátia chegou mudou muito. Através das oficinas fazemos nosso pão em nossa própria casa, e podemos vender nosso produto nas festas das hortaliças.

Segundo a nova presidente do grupo de mulheres Dona Valdise, “as mulheres estão se reunindo agora mais frequentes pelo estímulo da UFAM, pois através deles temos bom ânimo e autoestima”.

No ano de 2011 a Presidente do Grupo Unidas do Baixio continuou sendo a Comunitária Valdisa dos Santos Silva, que coordenava as mulheres, onde cada uma se ajudava para que aprendesse por meio do Projeto Mulheres da Floresta, que iniciou-se com o objetivo de fortalecer o Grupo Mulheres Unidas da Ilha do Baixio e resgatasse as práticas de costuras e integração que realizavam. Uma das primeiras ida do projeto foi ressaltar a questão do meio ambiente na Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio, que tinham como participação as crianças e alguns homens que trabalhavam na escola, que também contribuíram para a importância da questão ambiental.



Figuras 2 e 3: Oficina do Meio Ambiente, comunidade de Santa Luzia do Baixio
Foto: Kátia Helena Cruz Schweickardt, 06 de Junho, 2011.

Minha primeira ida à Ilha do Baixio foi no período da cheia, quando as maiorias das pessoas que participaram da Oficina do Meio Ambiente foram até a escola de canoa. Nessa oficina, principalmente as crianças, prestaram bastante atenção e interagiram conosco, me possibilitando descrever como as crianças e os moradores tem envolvimento na valorização do meio ambiente para a comunidade. Quando nós estávamos lá, recordo-me das crianças indo para suas casas de canoa, olhando bem o desejo de não só estar na escola, mas de se aprender, o que lhes foi ensinado sobre o meio ambiente.

Na palestra sobre o Dia do Meio Ambiente compareceram outros gestores da escola para participarem e contribuam juntamente com o Projeto Mulheres da Floresta para termos uma dinâmica com as crianças da Comunidade, as atividades que foram realizadas foram para mostrar a importância do meio ambiente no mundo e na comunidade.

Particpei da Oficina de Pães que tinham como objetivo ensinar e mostrar para mulheres que eles poderiam vender os pães na própria comunidade e ensinando a outras que não estava presentes.

A primeira oficina do ano de 2012 foi a de Segurança Alimentar realizada de Fevereiro com o Professor Victor Lamarão, convidado para dar a palestra para as mulheres da Ilha do Baixio, que participam direta ou indiretamente, do Projeto Mulheres da Floresta.

Na primeira oficina de 2012 procurarmos mostrar para as mulheres da Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio há importância dos alimentos que comemos dia a dia, no cuidado de lavar os alimentos, e preserva-lo. Sob a orientação do Professor Victor Lamarão que ministrou a palestra de Segurança Alimentar, pôde observar um grande desafio, para elas, na conservação dos alimentos, e no preparo. Algumas relatam na palestra a dificuldade de armazenamento, pois elas não têm muitas das vezes o refrigerador, para guardar para os outros dias.

A partir do segundo ano do Projeto de Iniciação Científica, pude perceber o grande interesse das mulheres, ao participarem das Oficinas oferecidas pelo Projeto Mulheres da Floresta que tem como objetivo analisar o impacto social, político e econômico da criação do Projeto de Assentamento Agroextrativista – PAE - da Ilha do Baixio e das demais políticas públicas dele decorrentes no modo de vida e nos processos de territorialização a partir da percepção das mulheres. Além disso, consiste em um projeto de extensão onde diversas oficinas são oferecidas ao Grupo de Mulheres Unidas do Baixio.

As palestras ministradas pelos professores da UFAM e também por convidados do Projeto Mulheres da Floresta beneficiaram as moradoras da comunidade, pois durante nossas visitas de campo pudemos destacar o grande interesse delas em aprender a cada oficina. Uma de suas aprendizagens foi à bolsa de juta que beneficiaram elas a estimularem a vender essas bolsas e venderem para outras comunidades, e também em Manaus ao participarem do Seminário Agroecológico puderam mostrar um pouco de suas especiarias na confecção da bolsa de juta, como o apoio do Projeto Mulheres da Floresta e a Braşjuta.

A participação de alguns moradores da Comunidade de Santa Luzia da Ilha do Baixio foi intensa, pois os que vieram para Manaus vieram com a expectativa de mostrar a principal atividade econômica da comunidade, como plantação de cebolinha,

hortaliças, feijão entre outros, e as mulheres com as bolsas de jutas desenvolvidas com a participação do Projeto Mulheres da Floresta.

Particpei de Oficina ministrada pelo Professor Lamarão dia 01 de dezembro de 2011, na Ilha do Baixio, com o Grupo de Mulheres, e alguns homens da Comunidade, explicando a importância de ter uma boa higienização de conservação dos alimentos, para a Comunidade. Tal iniciativa vem ao encontro das tentativas locais de se combater e evitar as principais causas das doenças infecciosas, e parasitas, que se ingerem dentro dos alimentos, que provocam riscos à saúde dos ribeirinhos.

Dessa forma presenciei as principais características de aprender sobre a importância dos alimentos na saúde, dos ribeirinhos, como uma lavagem adequada dos alimentos que são consumidos por nós. As mulheres aprenderam a fazer doces com o Professor Lamarão. Observei que as mulheres estavam todas ansiosas para aprender a fazer os doces ensinados: de melancia, de casca de melancia e de Jerimum. Todas olhavam atentamente, e, enquanto confeccionavam os doces a importância da saúde na Comunidade, numa boa produção de alimentos para elas, quanto na comercialização desse produtos eram ressaltadas.

É importante destacar que as políticas de desenvolvimento, procuram beneficiar seus próprios recursos, esquecendo assim a sustentabilidade ecológica das populações que ali vivem, e não se preocupando com riscos à saúde.

Na Comunidade do Baixio, os agentes de saúde costumam visitar as famílias três vezes por semana, sendo que cada uma dessa passam pelo médico regularmente. A maioria das famílias costumam ir de barco até Iranduba ou Manaus quando uma pessoa esta muito doente.

A comunidade tinha parteiras, como a Joaquina que era conhecida como uma ótima parteira, como relata a Sra. Maria da Conceição:

Ela era uma ótima parteira. Os meus cinco filhos tive com ela. Ela rezava numa criança se criança tivesse muito doente ela dizia se a criança ia escapar ou se é para levar pra outro canto, meu menino uma vez ele tava na casa de farinha ele comeu mandioca, só que não teve quem visse né ele era pequeno, começou a provocar, ai eu levei pra rezar ela disse leve ele pra Manaus que o caso dele é pra Manaus, aí eu sai chorando fui me embora, cheguei lá, eles fizeram exame constaram que era mandioca que ele tinha comido, ele começou a

provocar aquela cor da mandioca, vermelho como sangue né, se ela não mandasse levar para Manaus ia morrer porque era veneno né. Ela era muito boa se ela fosse assistir a mãe que tivesse pra ter nenê, se fosse caso de perigo ela mandava levar pra Manaus, ela era assim, uma ótima parteira. (Entrevista com a Sra. Maria da Conceição, Comunidade Santa Luzia do Baixio, 01/12/2011)

Até o presente momento da pesquisa, os moradores da Comunidade relatam que não há mais parteiras e rezadeiras na Ilha, mas algumas moradoras antigas ainda usam esse recurso em outras pessoas. Sempre que eu entrevistava as mulheres mais idosas, elas falavam para mim que a Joaquina, parteira da comunidade, era muito boa, realizou muitos partos da comunidade, e rezou também nas crianças. Sempre acompanhava o bebê que ia nascer. Na comunidade, também tinha outra parteira que chamava-se Coló, mas relatam algumas mulheres que ela não era carinhosa ela assistia os partos, judiava das mulheres que iam ter bebê.

As mulheres da Ilha usam quando os remédios não fazem efeito, chá de erva doce, cravinho, salva de marajó, entre outros, participam de programas de saúde sempre orientados pelas agentes da Comunidade da Ilha Meire da Silva, e a Maria, atendendo aproximadamente mais de 114 famílias, segundo a Comunitária Raimunda Viera dos Santos.

Quando fomos fazer nossa oficina com as mulheres da comunidade, retornamos a partir do mês de junho, mas dessa vez para trazer as mulheres que participam das oficinas, direta ou indiretamente para conhecerem o Bosque da Ciência no INPA e o Teatro Amazonas.

Para completarmos no início da viagem até Manaus ficamos conversando com as mulheres da Ilha sobre quais casas que foram alagadas e só descobríamos que quase todas foram tomadas pelo rio, onde a maioria deles teve que fazer marombas para que pudesse ainda permanecer em suas próprias casas. Todas elas estavam ansiosas para conhecer o bosque da ciência, principalmente eu e que só via o bosque da ciência pela televisão, está sendo um privilégio de conhecer junto com as mulheres.

Tivemos um grande número de mulheres ao visitarem o Bosque da Ciência e o Teatro Amazonas.

Ao chegarmos à Manaus no Bosque da Ciência, vindo de Iranduba foi aquela alegria para todas nós, principalmente para as mulheres do Baixio reencontrar outros integrantes do Grupo de Pesquisa Coordenada pela professora Kátia Helena.

Já por volta das 10h30min da manhã continuamos assim nosso passeio pelo Bosque da Ciência, primeiro fomos orientados pelo guia do bosque a nos mostrarem cada passo do bosque da ciência para nós. No caminhar do bosque sempre no deparamos com plantas históricas, e recordamos um pouco do passado do Brasil, através das grandes árvores que estão até hoje preservada no bosque da ciência.

Almoçamos no Restaurante Universitário da Universidade Federal do Amazonas, juntos com as mulheres da Ilha, e depois de todas descansarem um pouco para ir ao Teatro Amazonas, partimos no ônibus da Ufam por volta das 14:00 da tarde. Logo quando chegamos as mulheres ficavam impressionadas a cada detalhe contado pelo guia turístico do Teatro, pois foi um momento de grande lutas e vitórias, que assim vivia no começo do século XX.

Certamente o passeio realizado pelo Projeto Mulheres da Floresta, trouxe muitos benefícios para as mulheres da Ilha do Baixio, pois elas se propuseram a elas mesmas praticar por meio dos guardanapos pintados, e bolsas de jutas. Um grande desafio, pois muitas delas trabalham na agricultura e outras na escola, mas conseguem chegar à escola onde o centro das reuniões e festa da comunidade é concentrada o ensinamento e o aprendizado que recebem por meio do Projeto.

A participação do Grupo Unidas do Baixio inicialmente para as mulheres não definem uma data, mas sabem que começam Inicialmente o grupo de mulheres unidas do baixio iniciou-se por volta de 25 de novembro de 2005 com 53 mulheres. A presidente do grupo era Dona Eunice conhecida como dona Páscoa. Nessa época o grupo se reunia, mas para aprender a costurar e ter sua própria renda através da costura e ajudando nos festejo da comunidade. Graça Feitoza também conhecida pelos moradores da comunidade incentivou as mulheres da Ilha a aprenderem artesanatos e outros diversos.

Em 2006 o grupo de mulheres da Ilha esfriou devido a falta de recursos e porque segunda as mulheres da Ilha, Graça Feitoza só queria as coisas do jeito dela, e não do jeito que as mulheres opinavam.

No ano seguinte 2007 as mulheres se reuniram aos sábados para discutirem questões sobre os artesanatos e para produzirem para elas e para seu benefício próprio.

Nesse ano também adquiriram equipamentos como máquina costura, por meio do projeto PIATAM. Ocorreu nesse ano a 1ª Festa das Hortaliças que segunda as mulheres não foi muito bom porque as mulheres não venderam muito seus produtos.

Em 2008 as mulheres se reuniam aos sábados e faziam tapetes a mão, crochê e guardanapo. No ano seguinte em 2009 houve uma grande cheia no Amazonas onde as mulheres do grupo perderam todos os materiais. Com isso Graça Feitoza ficou chateada porque jogaram também as coisas dela do artesanato, mas as mulheres disseram que já estavam tudo estragados devido a cheia e elas jogaram. Mas as mulheres disseram as ideias não eram nossas aí desanimamos logo o grupo deu uma parada.

Em 2010 o grupo estava devagar, mas continuava trabalhando, mas as mulheres não tinham onde se reunir, o clubinho é construído grupo tem uma sala, mas não se reúne no clube, pois não tem banheiro e cozinha.

2.4. Festejos da comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio

A comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio realiza os principais festejos que são: Copa Baixio de Futebol de Campo que é realizada de janeiro a abril, a Festa das Hortaliças que geralmente acontece entre os meses de novembro ou dezembro. Em 2011 aconteceram dias 04 e 05 de novembro. Outra festa que também é importante e a festa da padroeira da comunidade Santa Luzia que acontece no mês de dezembro.

Nos dias 5 e 6 de novembro de 2012, ocorreu a V Festa das Hortaliças. Acompanhamos os dois dias de Festa e também, dois dias que antecedeu a festa, em seu processo de organização. Nessa ocasião, observei a grande movimentação das mulheres na cozinha, os homens ficaram com o trabalho mais “pesado”, e os jovens ficaram com a parte de fazer maquetes que mostrassem o antes e o depois da Comunidade.



Figuras 4 e 5: Festas das Hortaliças, Comunidade Santa Luzia da Ilha do Baixio.
Fotos: Claudioneu Guimarães, Novembro, 2011.

Nos dias que estava na Comunidade conversei com o seu Alonso, que me falou que há divergências entre a sua Comunidade Santa Luzia, e as comunidades vizinhas Renascer e Sete de Setembro, que diziam como a comunidade Santa Luzia consegue reunir tanta gente para as festas e as outras comunidades vizinhas não. Na comunidade de Santa Luzia, diz Seu Alonso, que todos trabalham juntos em prol da comunidade. O Sr. Nei, que é o Presidente da Associação dos Produtores, repassa as orientações para a Comunidade.

A parte mais interessante que seu Alonso relata era o igapó e lembrava-o que as pessoas tinham dificuldade de passar pra Comunidade, que vinha das outras comunidades ou até mesmo se deslocar para Manaus. “Então nós construímos a ponte de madeira, que beneficiou muito naquela época”, disse ele.

Na primeira noite da festa das hortaliças veio poucas pessoas na festa e alguns moradores relatam foi porque colocaram os evangélicos, e vieram poucas pessoas, sabendo que a comunidade da Ilha do Baixio são todos católicos. No decorrer da festa, as mulheres ficaram com a parte de vender as refeições para os visitantes. Na segunda noite vieram um bom número de pessoas prestigiarem a Festa das Hortaliças, pois era a noite do forró, que deu aproximadamente cerca de 10 mil pessoas, contando com presenças do Prefeito de Iranduba e outras autoridades representando o governo municipal e estadual, e outras comunidades vizinhas. A festa durou a noite inteira, terminando ao amanhecer com uma oração de toda a comunidade.

No ano de 2012 tive um grande desafio ao chegar na Ilha do Baixio com os alunos do Instituto Federal do Amazonas, logo quando chegamos fomos recepcionados pelo Sr. Valdir Diretor da Escola que contou um pouco da Comunidade e o que eles

fazem, segundo ele temos portanto uma associação de produtores e o Grupo Unidas do Baixio (Mulheres Unidas da Ilha do Baixio) que trabalham com o objetivo de que a comunidade esteja cada vez melhor. No final de tarde fiquei cortando com as mulheres dois bois que foram comidos na Festa das Hortaliças. No primeiro dia da Festa não dá uma quantidade certa de gente, pois os comunitários designaram para a Noite Gospel. No segundo onde o público é maior podemos ver a quantidade que chegar de carros, tomam conta da Ilha inteira, e te um palco de quase 10 mil pessoas segundo o jornal do Amazonas.

Nesse mesmo ritmo de primeira noite as bandas que iriam tocar, não puderam devido não ter (energia) gerador suficiente para as bandas que iria tocar. Os moradores já estavam preocupados que a maioria deles estavam relatando “amanhã que vai ser o grande dia”. Logo no começo da manhã os homens da comunidade estavam se organizando para que o segundo dia de Festa saísse de acordo como todos planejaram, antes de realizassem para o segundo dia o Presidente chamou todos os que trabalhando na festa para ser divididos as tarefas.

As pessoas que chegavam à comunidade para a Festa das Hortaliças chegavam não só para prestigiarem a Festa, mas também para apreciarem as barracas das Mulheres, que estavam vendendo (seus trabalhos artesanais) suas especiarias, como: blusas, bolsas e tapetes, feitos a partir do incentivo do Projeto Mulheres da Floresta, através de professores convidados que a ensinarem as mulheres a terem também uma renda extra, e ajudarem na própria comunidade.

A Festa durou a noite toda e foi até o amanhecer, mas a festa teve uma surpresa esse ano por volta das 23h00min da noite caiu uma chuva na comunidade, que a festa teve que ser interrompida, as bandas que estavam tocando, mas as outras que ainda viriam não tocar, mas pude perceber da janela da casa do Seu João Lula, um dos primeiros moradores da comunidade, que muitas pessoas continuavam dançando e brincando mesmo na chuva.

De manhã só encontrávamos carros atolados, querendo sair da comunidade, e muitas pessoas dormindo em casa de parentes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência acumulada e com os laços de afetividade e confiança estabelecidos com o primeiro e segundo ano do Projeto, vimos em que a prática etnográfica está nos possibilitando a interpretação dos sujeitos envolvidos, ao descrever na percepção das mulheres da comunidade, como elas percebem análise do funcionamento da saúde.

A partir das observações e entrevistas que realizei pude compreender as perspectivas sobre como as mulheres percebem a promoção da saúde na comunidade. No primeiro momento as mulheres relataram que era difícil ter atendimento à saúde na comunidade, pois eles não tinham atendimentos básicos de saúde, mas, por outro lado, utilizavam ervas medicinais, como cravinho salva de marajó entre outros. Quando uma pessoa estivesse doente, utilizavam chá para a pessoa melhorar, e rezavam com a rezadeira Joaquina que rezava nas crianças e realizava os partos das mulheres na comunidade.

Nos dias de hoje a comunidade, sobretudo com a participação das mulheres, existem os agentes de saúde que vão de casa em casa, para saber como está sua saúde. Além disso, está cada vez mais fácil para os moradores da Ilha do Baixio se deslocar para Manaus, com a Ponte sobre o Rio Negro, inaugurada em outubro de 2011. Segundo as entrevistas que realizei os moradores quando se deslocavam para Manaus, iam de barco, hoje atualmente eles vão de ônibus, facilitando o acesso e o deslocamento para a cidade, contribuindo para o acesso à saúde dos ribeirinhos.

Hoje na comunidade podem contar com as três agentes de saúde para orientá-los e ajudar com os médicos que realizam o trabalho todo o início do mês, para que possa ter um controle dos moradores que ficam muitas das vezes doentes.

Com a chegada do projeto de extensão “Mulheres da Floresta: Memória trajetória e políticas públicas nas várzeas do Amazonas” as oficinas ministradas por professores convidados, trouxeram uma importância muito grande para as mulheres do grupo. Logo com as oficinas era possível perceber o grande desafio delas de aprenderem e se esforçarem.

Podemos citar a Sra. Eunice conhecida como Páscoa, quando foi ministrada a Oficina de Pintura sobre o pano de prato, no dia 14 de setembro de 2011, ela relatou que não conseguia desenhar nem pintar, mas nós, bolsistas da UFAM, ajudamos ela pintar, e além de ficar bonito ia também terminar o acabamento com crochê, e vender para as mulheres da Ilha. A partir das observações e entrevistas que realizei no primeiro semestre da pesquisa, pude observar que antigamente as mulheres não tinham benefícios para com a saúde, como ter profissionais que realizasse atendimentos para com a comunidade.

Elas relataram que era muito difícil ter atendimento à saúde na comunidade, pois eles não tinham remédios, mas, por outro lado, utilizavam ervas medicinais, como cravinho salva de marajó entre outros. Quando uma pessoa estivesse muito doente, eles utilizavam chá para a pessoa melhorar, e rezavam com a rezadeira Joaquina que rezava nas crianças e realizava os partos das mulheres na comunidade.

No segundo semestre da pesquisa realizei entrevistas com as agentes de saúde da comunidade, participei das primeiras oficinas no mês de fevereiro à março. Onde a partir das agentes de saúde pude entender as principais dificuldades da comunidade.

Sendo que os moradores têm um grande desafio no período da vazante, pois eles necessitam de abastecimento de água para eles como o poço, eles vão até a outra comunidade Monte Negro para retirar água ou até então vão buscar no Iranduba. Muitos deles não têm como pagar para o caminhão que é fornecido pela comunidade.

A participação das mulheres nas oficinas e palestras pelo Projeto Mulheres da Floresta tem a cada dia alcançando outras mulheres a cada visita de campo percebendo assim outras moradoras interessadas a participar e aprender através das oficinas, no entanto não só as mulheres da comunidade aprendem, mas nós bolsistas também aprendemos com elas a cada visita, pois até mesmo elas que se esforçam para ir deixam seus filhos aprontam suas famílias para irem até a oficina.

O Projeto Mulheres da Floresta: memória território e políticas públicas nas várzeas do Amazonas foi fundamental para que o Grupo Unidas do Baixo voltasse a práticas cotidianas como: costura, e pintura em pano de prato pelo qual realizam, logo no começo quando iniciaram não tinham muitos recursos para produzir e fazer seus próprios artesanatos, devido a falta de incentivo elas foram deixando de lado. Nas entrevistas que realizamos e a partir das oficinas ministradas pelos Professores da

UFAM e convidados, pudemos perceber que o Grupo foi crescendo aprendendo com as oficinas e partir delas, foram ganho outras mulheres para o Grupo Unidas do Baixio.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, F. Edna, PESQUISA, Teoria & Pesquisa vol.XVI-n02-Jul/Dez de 2007- **Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção de identidade.**

CHAGAS, Carlos. Notas sobre a epidemiologia do Amazonas. CRUZ, Oswaldo; CHAGAS, Carlos; PEIXOTO, Afrânio. *Sobre o saneamento da Amazônia*. Manaus: Philippe Daou, 1972.

CARVALHO , Antônio Ivo. **Promoção da Saúde: novos rumos da Saúde Pública**. Portal click Saúde – <http://www.ensp.fiocruz.br/> acessado dia 4 de Junho de 2012.

CIRYNO, Rafaela. **Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise de articulação entre o trabalho doméstico e assalariado**. In: *sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun, 2009, p.66-92.

COUTO, Rosa Carmina de Sena. Saúde e projetos de Desenvolvimento na Amazônia. In: *Novos Cadernos NAEA*, vol.2, n.2, dezembro/2009

CRUZ, Oswaldo. **Considerações gerais sobre as condições sanitárias do rio Madeira**. In: CRUZ, Oswaldo; CHAGAS, Carlos; PEIXOTO, Afrânio. *Sobre o saneamento da Amazônia*. Manaus: Philippe Daou, 1972.

CRUZ, O.G. Considerações gerais sobre as condições sanitárias do Rio Madeira. Rio de Janeiro, Papelaria Americana, 1910.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Deborah (org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas do rios Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade**. Manaus: IBAMA, ProVárzea, 2005.

PAULILO, Maria Ignez S. **Movimentos das mulheres agricultoras** e os muitos sentidos da igualdade de gênero. In: MAÇANO, Bernardo; MEDEIROS, Leonilde S; PAULILO, Maria Ignez (org.). **Lutas Camponesas Contemporâneas: dilemas e conquistas**. Vol.2. São Paulo: Editora UNESP; Brasília; DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

SCHWEICKARDT, Júlio. **Ciência, Nação e Região. As doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas** (1890 – 1930). Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

SCHWEICKARDT, Júlio & Lima, Nísia Trindade. **Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: As viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913)**. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 14, Suplemento, dez, 2007.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena S.C **As diferentes faces do Estado do Amazonas:etnografia dos processos de criação e implantação da RESEX Médio Juruá e da RDS Uacari no médio RioJuruá Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA)** – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena S.C. Estratégias e territorialização na Amazônia contemporânea a partir dos parâmetros ambientais. In: OLIVEIRA, José Ademir (org.) **Espaços Urbanos na Amazônia: Visões geográficas**. Manaus. Valer, 2011.